

Caderno

OLHARES DOCENTES

ISSN 1983-2354

Suplemento

Ano XII n. 37, abr. 2020

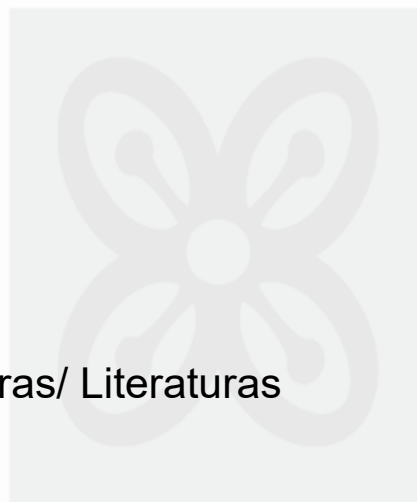
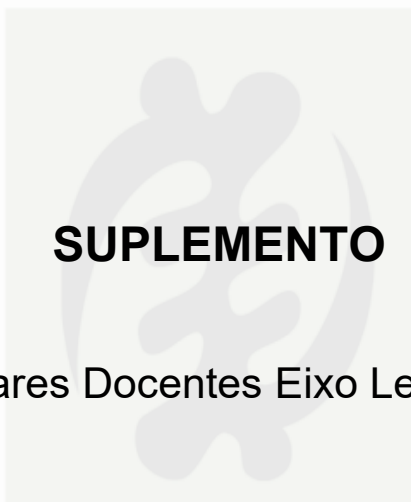
Eixo Literaturas

Textos complementares

Reflexões para a luta antirracista

Quissamã

2021



SUPLEMENTO

Cadernos Olhares Docentes Eixo Letras/ Literaturas



Sp Adobe Spark

Abr. 2021

Quissamã

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES

DIRETOR EXECUTIVO

André Luiz dos Santos Silva

DIRETORA GERAL E EDITORA CHEFE

Nágila Oliveira dos Santos

SUPLEMENTO CADERNO OLHARES DOCENTES

Organizadores desta edição

Brenda Iolanda Silva do Nascimento – UFRJ

Jonathan Machado Domingues – UFSC

Nágila Oliveira dos Santos _ SEEDUC RJ

Indexadores:



Sumário

ECOS DA LITERATURA NEGRA-BRASILEIRA (POESIA E CONTO)	04
Passeio Poético	05
<i>Elisabete Fagundes Almeida</i>	
Mãos que cantam	07
<i>Rosa Pereira</i>	
O rio da Aldeia Velha	09
<i>Maria Helena da Silva Lima (Helena Monteiro)</i>	
OLHARES SOBRE AS LITERATURAS AFRICANAS	13
Comparando para conhecer	14
<i>Alexandre Rodrigues da Silva</i>	
Lília Momplé e a História de Moçambique	16
<i>Shirlei Costa Rodrigues</i>	
Os (Des)limites do (Uni)verso Miacoutiano	18
<i>Thaís Cristina Souza Almeida</i>	
Estudo sobre a Poesia de Noémia de Sousa	20
<i>Izabel Maria de Vasconcelos Paiva</i>	
OLHARES SOBRE LITERATURA NEGRA-BRASILEIRA	23
Escritas insubordinadas no contexto da lei 10.639: contribuições possíveis a partir da escrevivência de Conceição Evaristo	24
<i>Karina Pereira dos Santos</i>	
Insurgências das memórias	27
<i>Paola Ramos Ladeira</i>	
Poéticas das margens e escritas “das fomes” e vice-versa	29
<i>Soler Gonzalez</i>	



Ecos da Literatura Negra-Brasileira

(Poesia e Conto)



SP Adobe Spark

OLHARES DOCENTES

POESIA

Isabete Fagundes Almeida¹

5

Passeio Poético²

Pensando e compondo,
Vou produzindo meus versos.
Entre livros e folhas vou escrevendo,
Lembranças e fatos diversos.

Valorizando sempre a sabedorias dos mais velhos, me vejo "Ana Cruz" em seus guardados da memória ou buscando visibilidade na nossa fala no ativismo de Beatriz Nascimento vou fazendo reflexões do "existir" nas escrevivências de "Conceição Evaristo".

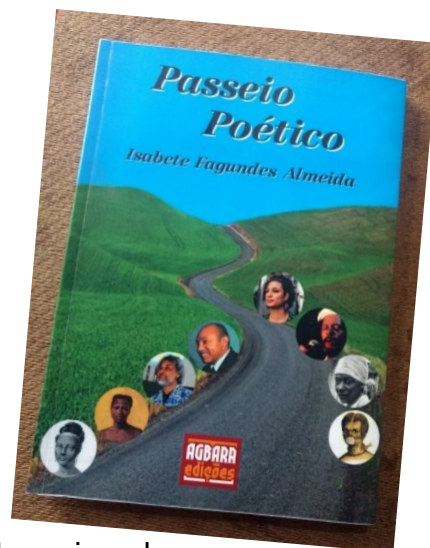
Deleitando nas interpretações marcantes...e lindas!
Me sinto um artista que contracena e faz poemas, protagonizando,
"Elisa Lucinda".

Descortinando as paisagens me transbordo na *poerotisa* de Ana dos Santos, vendo a vida pulsar no ciclo rítmico de Lílian Rocha.
Não! Não é só papo é sarau e as composições de Delma Gonçalves e Fátima Farias, divas da poesia.

Passeio na música, dança e arte
Cheio de personalidades como Camila de Moraes, Marietti Fialho, Glau Barros e Sílvia Duarte!
São as Negras em canto!
E a militância de Malu Viana "Flor do Gueto" pela juventude nas comunidades periféricas.

É muita poesia!

Nesse emaranhado de gostos.
Os poemas muitas vezes têm rostos.



¹ Escritora negra, nascida no Rio Grande do Sul. Possui participação em diversas antologias literárias e *Passeio Poético*, publicado em 2020 é o seu primeiro livro. É pós-graduada em Neuropsicopedagogia.

²Publicado anteriormente em ALMEIDA, Isabete Fagundes. *Passeio Poético*. Agbara Edições. Porto Alegre, 2020. 32p.

Alguns alegres outros carregados de desgostos
Reivindicam, conscientizam, sensibilizam!
Num impacto inequívoco de querer passar suas mensagens.

OLHARES DOCENTES

POESIA

Rosa Pereira³

7

Mãos que cantam

(Homenagem as educandas negras das turmas de Alfabetização de Adultos, da EJA, em Porto Alegre)

Cantam as mãos que rezam
As mãos que perdoam
Que albergam os “olhos d’água” *
Na alegria ou descontentamento
Cantam as mãos oprimidas
Em seu próprio silêncio

Cantam as mãos que agradecem
mãos humildes de pão
mãos secas de esperança

Cantam as mãos que exorcizam
os carrascos que ainda as assombram
cantam as mãos humilhadas
de infâncias abortadas
de adolescentes molestadas
da vida prematura em morrer

Cantam as mãos que resistem
Atravessando a saga no tempo
Conduzindo no sangue e nas veias
Existências insubmissas
A pulsarem em suas memórias
Mãos de rainhas guerreiras,



³Nascida em Santa Maria (RS). Mora em Porto Alegre. Graduada em Letras, pela PUCRGS; Especialização em EJA, pela UNILASSALE. Frequenta cursos, oficinas e laboratórios de escrita criativa e dramaturgia. Fez o curso livre de Formação de Escritores na Editora Metamorfose e participou na coletânea “Banquete”. Se debruça nos estudos sobre Literatura Africana e Afro-brasileira; escreve poemas, crônicas e poemas.

De Zazau, de Ashantis,
Aqualtunes e Dandaras

Cantam as mãos que amamentam
Cantam as mãos sexagenárias
Empunhando suas lanças
Plasmadas em caneta e papel
Cantam as mãos-narrativas
De Egipciaca, Firmina, Antonieta,
Lucinda, Geni, Carolina
Lélia, Cristiane, Esmeralda,
Sueli, Beatriz, Conceição
Ana, Lílian, Cristal
Na roda da redenção

Cantam as mãos que vibram
na alegria do coração-atabaque
Coroando a grafia do nome
Cantam as mãos de vozes emancipadas
biografias reveladas
das “insubmissas lágrimas de mulheres” *

*Obras referidas da escritora Conceição Evaristo: Olhos d’água e Insubmissas
lágrimas de mulheres

OLHARES DOCENTES

CONTO

Maria Helena da Silva Lima (Helena Monteiro)⁴

9

O rio da Aldeia Velha

*“De que cor eram os olhos de minha mãe?
Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?
Naquele, momento, entretanto, me descobria cheia de culpa,
por não recordar de que cor seriam os seus olhos?
Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?
Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento.
Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza.
Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela,
para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.
Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas.
Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto.
A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água.
Águas de Mamãe Oxum!
Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe,
Tento descobrir a cor dos olhos de minha filha.”*

Conceição Evaristo, in: Olhos d’Água, 2020, p. 15 a 19

⁴Mulher, negra, periférica, graduada em Letras e Bacharel em Psicologia pela UFRN, escritora, poetisa, documentarista e pesquisadora da cultura popular e aluna especial do Mestrado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.



Foto: Mapping

Na Aldeia Velha, há um rio aferrado, que nasce todas as manhãs. Ele, acostumou-se com a admiração dos ribeirinhos. Com os corpos inocentes, dos meninos – ribeirinho, que nasceram na Aldeia Velha, em Igapó, terras Potiguares. Os ribeirinhos, também se acostumaram a descer à ladeira, aos primeiros raios do sol, para se banharem nas águas doce do rio da Aldeia Velha. Lá eles fazem gracejos, misturam-se meninos e meninas entreguem ao ritual divino de se nascer de novo, todas as manhãs. Uns de pele negra, outros queimados do sol, não fazem distinção, são meninos e meninas que nasceram na Aldeia Velha, que têm raízes indígenas e africanas e, com o passar dos anos foram se misturando e, agora reverenciamos nossos ancestrais por ainda estarmos sendo revestidos de sol, pelas manhãs... eles têm o próprio ritual, deitam-se no mangue e deixam-se ficar aos risos e, outros aos saltos em forma de cambalhota, exibem-se. Sem inibição, despem os calções e, nus sentem o borbulhar da fonte que jorra a água no rio. E, deixam-se levar em meio a força da correnteza. Esse gozo em viver sai pelas frestas dos olhos dos ribeirinhos.

Todas as manhãs, de domingo a domingo, eu acordo com os gritos de felicidade que eles emanam aos nossos ancestrais. Gritos de felicidade, são diferentes de gritos de dor - estes são parecidos com uivos, berros feito animais enjaulados. Os de felicidade ecoam feito um canto de saudação à natureza mãe. É mais do que um grito é um canto de liberdade! Sim, saem entre gargalhadas ritmadas, que só as almas libertas sentem. Os raios do sol se encarregam de espalhar aos quatro ventos os sons dos ribeirinhos, que se misturam com as cantorias dos passarinhos e doam-se para o mundo que os querem sentir. Porque há coisas que os olhos da carne não conseguem ver, mas os da alma

sim. Esta pode ver por dentro, pode ver à distância e correr mundos, assim como as correntezas do rio que passa na Aldeia Velha.

O quintal da minha casa tem a visão de todo o rio da Aldeia Velha. Então, enquanto estendo as roupas no varal, espreito, com olhar saudoso de infância vivida por entre rios, riachos e lagoas. As lembranças escorrem pelos cantos dos olhos e, algumas vezes, misturam-se com a água que escapa das roupas espremidas. São lágrimas quentes como colo de mãe ou papa de mandioca mole, pois foi assim que nossa mãe nos criou. E, nosso banho diário era em lagoas, esse era o momento mais esperado do dia, geralmente, ela ia no cair da tarde; pois dizia que filho dela não ia se deitar com os pés sujos, e acrescentava, que tipo de mãe deixa os filhos dormir com “grude” pelo corpo? Ela tinha orgulho de ser uma mãe cuidadosa e limpa.

Na beira da lagoa de Cuité, ainda recordo o nome, ela, acompanhava-nos com os olhos, orientando e reclamando, ao mesmo tempo. E gritava: __ Esfreguem as orelhas, meninos! Lavem debaixo dos braços! E, meus irmãos, afoitos, ou por brincadeira davam para se esconder por entre as nossas pernas e, de longe o olhar misturado ao coração de mãe, sabia o que os meninos estavam aprontando e, voltava a ralar: __ Parem com isso, se não, entro aí e vocês vão ver do que sou capaz.

Ela falava como se risse por dentro a se lembrar, talvez, da própria infância. Meus irmãos ressurgiam da água e gritavam com os braços para cima: __ Nós não fizemos nada mãe, estávamos brincando para ver quem tem mais fôlego e eu ganhei. Era meu irmão mais novo e afoito a gritar para o mundo as suas conquistas. Ele também fazia forjos de pegar preá e quando trazia um para casa a festa estava feita, era como se tivesse ganhado um troféu. É, posso dizer com certeza que ele tirou um dez na prova de sobrevivência.

Já era hora de os ribeirinhos atravessarem o mangue e voltar para suas casas, aqueles que tinham casa, pois outros, moravam em vilas, casas cedidas, barracos e muitos deles tinham que ajudar os pais na lida diária em busca de alimento e, muitas daquelas crianças não sabiam ler, nem escrever. Em Aldeia Velha, é precário de tudo. Falta médico para atender as crianças, homens e mulheres; faltam professores e trabalho para os pais de família. Alguns alimentam o filho pegando caranguejo no mangue e vendendo nos botequins de cachaça – há um em cada esquina.

Outra coisa que já chegou ali foram as drogas. Muitas vezes, em pleno meio-dia, eles se juntavam em frente da minha casa, em pleno horário de descanso. A falaria deles me incomodava, pois ficavam debaixo do pé de jambo a fumar. Certa vez fui lá fora e ralhei com eles. Estes me responderam: __ Tia, não é nada do que a senhora está pensando! Nós estamos só conversando aqui, devido à sombra e ao vento, lá em casa é muito quente. Isso me partiu o coração e embargou a voz, que ficou aprisionada, na garganta. A voz sumiu e os olhos marejaram d’água. O que eu poderia responder a essas crianças?

No entanto, com o passar dos tempos, debaixo do pé de Jambo havia assentos feito com restos de tábuas, restos de tóco e cadeira velha - dessas que não tem mais serventia – mas eles arranjam uma. Eu testemunhava aquilo

sem nada dizer, morrendo por dentro e passei a ter raiva dos pais, primeiro; depois dos governantes que não viam essa situação, depois passei a reclamar sozinha, a ralhar como se eles fossem meus filhos; filhos que nunca tive. Por último, fui vencida. Me refiro ao dia em que tentaram entrar na minha casa, subindo pelo muro. Acordei-me com os latidos dos cachorros, e quando acendi a luz, eles fugiram.

Desse dia em diante parece que meus olhos secaram para o mundo, para aquelas crianças que haviam crescido e eu não tinha visto. E, passei a me perguntar: O que havia acontecido? E, eu mesmo respondia. Nada aconteceu. Foi isso que os desmoronou. O não acontecer nada... quando se cresce e se afastam das águas... o colo de mãe desaparece e o mundo é salgado, é comprido, é mais tihoso que a natureza humana, como dizem por esses lados de Aldeia Velha. E o futuro? Ah, esse vai se descosturando para muitos...

OLHARES SOBRE AS LITERATURAS AFRICANAS



Sp Adobe Spark

OLHARES DOCENTES

Comparando para conhecer⁵

Alexandre Rodrigues da Silva

Licenciado em Língua Portuguesa, Inglês e Literaturas, especialista em Literatura Contemporânea, Professor de Língua Portuguesa e Literatura da E.E. Prof. João Luiz de Oliveira e Colégio Dom Pedro

14

A partir do momento em que foi promulgada a Lei 10.639/03, a herança cultural e histórica da África passou a compor, em tese, o currículo básico escolar brasileiro, mas não pisou efetivamente em nossas salas de aula, pois a formação acadêmica de nossos professores ainda era muito pequena nesse campo. Além disso, a visão da África (imenso continente com ainda maiores especificidades) que possuíamos era de uma uniformidade de culturas que não existe na prática. E olhar para uma África que fala português era algo mais improvável em nosso cotidiano.

A inserção que a obra de Mia Couto teve no Brasil durante as últimas duas décadas vem colaborando para quebrar esse paradigma e permitir que o estudo das literaturas africanas, sobretudo a de língua portuguesa, venha alcançando o destaque que ela merece e possibilitando um diálogo entre nossas culturas, ao mesmo tempo tão próximas e tão distantes.

Para possibilitar o conhecimento e diálogo entre as literaturas do Brasil e de África (a partir de Moçambique), a realização de uma atividade de leitura comparada em nossas turmas de ensino médio é um caminho profícuo para gerar o debate, aprendizado e admiração por essa nova literatura, além de permitir a compreensão do quanto estamos entrelaçados.

Como introdução ao trabalho, faríamos a leitura e entendimento do poema “Espiral”, buscando conhecer compreender os conceitos de Homem e Lugar que o poeta propõe, de que forma podemos ampliar as ideias ali contidas.

ESPIRAL

No oculto do ventre,
o feto se explica como o Homem:
em si mesmo enrolado
para caber no que ainda vai ser.

Corpo ansiando ser barco,
água sonhando dormir,
colo em si mesmo encontrado.

Na espiral do feto,
o novelo do afecto
ensaia o seu primeiro infinito.

MIA COUTO.

Do livro “Tradutor de Chuvas”,
publicado pela Editorial Caminho.



⁵ Texto produzido no âmbito do curso Curso Introdução à Literatura de Mia Couto, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.



Na sequência, ao meu grupo de estudantes proponho uma leitura comparada das obras “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto e “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa. Nessa leitura os alunos devem buscar conhecer a descrição que se faz do espaço e do povo retrato nos textos, a importância dessa relação do homem com o seu meio e a importância da oralidade na preservação dos traços culturais dessa população.

Outro aspecto importante a se observar nas obras é a utilização da linguagem, a criação de neologismos que marca a escrita desses gênios da literatura portuguesa.

Dessa maneira, creio que os alunos poderão apropriar-se das características desses autores, reconhecer sua importância na literatura da língua portuguesa e adentrar no mundo da cultura africana



OLHARES DOCENTES

Lília Momplé e a História de Moçambique⁶

Shirlei Costa Rodrigues

Graduada em Letras e Docente da Prefeitura Municipal de São Sebastião

16

A literatura de Lília Momplé, no Brasil, é pouco citada no contexto escolar, isto é um prejuízo, principalmente porque a literatura pode ser um instrumento para auxiliar a compreensão de novas culturas. Por se tratar de uma escritora moçambicana, poderemos descobrir a construção da identidade e pertencimento, além das injustiças que permeavam o colonialismo e o pós-colonialismo.



Lília Momplé

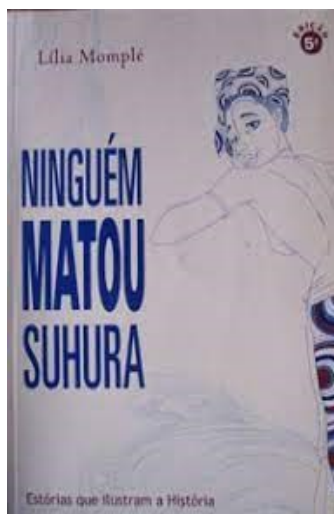
A escritora se destaca com os seus três livros: *Ninguém matou Suhura* (contos, 1988), *Neighbours* (romance, 1996) e *Os olhos da cobra verde* (contos, 1997), que temos acesso aos dilemas da constituição da nacionalidade através das experiências de personagens marginalizadas. O olhar de Lília está sempre direcionado às pessoas mais sofridas pelo regime imposto pelos portugueses e depois pela guerra civil moçambicana. O silenciamento destes marginalizados intriga e instiga a literatura de Lília Momplé.

A sua escrita faz uma denúncia sobre a dominação europeia, a extração de recursos naturais e minerais, a subalternização dos habitantes, o subjulgamento do povo negro e o patriarcalismo. Ela faz questão de manter viva as recordações das violências e arbitrariedades coloniais.

A sua narrativa é forte com riquezas de detalhes e convida para uma reflexão profunda sobre a História de Moçambique.

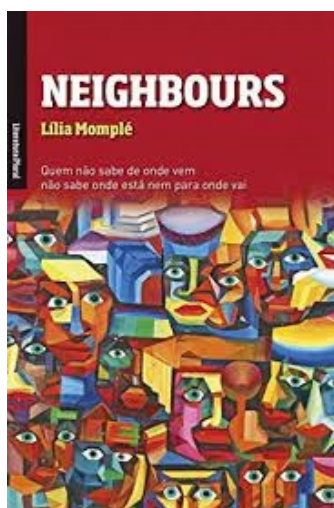
⁶ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Lília Momplé, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

Lília Momplé no ambiente escolar



Estamos distantes de uma realidade sonhada na sala de aula que seria o envolvimento e comprometimento dos professores em trabalharem as autoras afro-brasileiras e africanas. Em geral, percebe-se que muitos não foram formados com esses estudos literários. Ainda nota-se, também, que os diversos materiais didáticos-pedagógicos utilizados promovem autores brancos e informações insuficientes sobre a literatura africana, sobretudo a que é feita por mulheres.

A obra de Lília Momplé nos traz a memória de um povo repleto de tradições e valores que foram ao longo do processo de colonização e pós-colonização brutalmente atacados. A luta anticolonial tentou excluir as mulheres do universo literário, mas a escritora resiste e consegue expor muitas em suas obras. A sua escrita reconhece a voz e legitima essas mulheres.



Temos como exemplo, o conto *O Baile de Celina* onde a personagem principal é impedida de participar do baile de formatura devido ao fato de ser negra. Nesta narrativa observa-se várias problemáticas que não estão somente relacionadas à mulher moçambicana, como: racismo, opressão, silenciamento feminino; pois o drama de Celina pode ser estendido a nossa realidade brasileira.

Já no conto *O Sonho de Alima* constata-se uma protagonista que luta contra a opressão imposta e que decide realizar seu sonho de se formar, mesmo sem o apoio da família e do marido. Esta outra face da mulher, na literatura de Lília Momplé, foi narrada no período pós-colonial. Mais uma vez vemos elementos que podem gerar uma bela discussão e analogias em sala de aula.



A literatura de Lília Momplé, no contexto escolar, gera discussões e reflexões intensas sobre a construção da mulher negra no contexto moçambicano que, muitas vezes, se assemelha a do Brasil. A Lei 10 639/2003 nos propõe que a literatura é um dos caminhos para o combate ao racismo e a discriminação e se faz necessária a busca por um espaço significativo para mulheres, como Lília Momplé, que nos estimula a criar conexões e oportunidades de desconstruir estigmas principalmente aqueles ligados às mulheres negras.

OLHARES DOCENTES

Os (Des)limites do (Uni)verso Miacoutiano

Thaís Cristina Souza Almeida

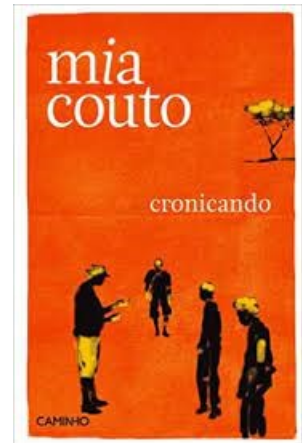
Especialista em Literatura Brasileira / Professora da Prefeitura Municipal de Rondonópolis

18

As breves rumações, textos e vídeos, acerca do fazer literário miacoutiano aclara a dialética presente na integralidade de suas produções, mais especificamente, nos (des)limites de suas crônicas, sobretudo, nas coletâneas como *Cronicando*, 1991, e *Pensageiro Freqüente*, 2010 e *Vozes Anotecidas*, 1986, com o conto “A Fogueira”. O estudo abarca o (e)terno contido em instante do eu na vida mundana quando adentram para âmbito literário. Assim, as (ex)ensões da linguagem miacoutiana que com uma sintaxe (des)preocupada, avizinha-se do registro oral, em que o plano de conteúdo e expressão de suas elaborações, (entre)tecem os fios do discurso de modo que as zonas limítrofes entre o gênero crônica e conto se dissipem.

Diante dessa alteridade instaurada a construção literária miacoutiana aduz na tessitura do texto uma costura de identidades, culturas e da própria língua. Assim, essa mistura entre literatura e história, geografia, sociologia faz com que ecoe várias vozes: de denúncia, líricas e mágicas que assemelham-se à complexidade e profundidade das circunstâncias da vida do homem e do discurso literário. E na (re)construção desses episódios cotidianos vai se escrevendo a narrativa e se firmando a poesia e reconstruindo a história e a ideologia de cada momento moçambicano.

Salienta-se o caráter pedagógico dos organismos estéticos circundados que podem tanto ser manejados no ensino básico quanto no ensino superior, visto que (trans)ferem o leitor para a realidade histórico social moçambicana e, concomitantemente reflete acerca de seu fazer literário. Desse modo, elaborações como “A Carta”, “Escrivências desinventosas”, “Viajante Clandestino”, “A velha e Aranha”, “Natural da água”, “A Cidade na Varanda do Tempo”, “No dia da independência eu tinha 19 anos”, “A fogueira” simultaneamente oferecem ao leitor, por meio de uma escrita que livre, a (des)organização de modelos de narrativo do quais vertem gozo literário; viagem que proporciona



conhecimento histórico, geográficos, culturais e ideológicos acerca de Moçambique além da autobiografia do autor.

Portanto, essa ambivalência que resplandece nas produções miacoutianas abordadas nas aulas 1 e 2, pois as criações balizadas, primeiro por tratar de momentos históricos do país e destilar sobre eles um tom de ironia e denúncia, que aclara o cunho crítico do autor em relação ao seu tempo e espaço. Segundo, ao tanger a complexidade, desigualdade, multiculturalidade que o circunda e transpassá-la para suas obras como propriedades essenciais, tanto nos temas quanto na estrutura, (desa)fia e (des)constrói a linguagem literária ao criar um (uni)verso que (re)colhe as (indivi)dualidades do mundo e do eu, o entregênero miacoutinano.

PARA SABER MAIS:

FRAZÃO, Diva. **Biografia de Mia Couto**. 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mia_couto/ Acesso em 4 de abril de 2020.

VANILLI, Marilani Soares. Vozes em Confronto em “Saúde, o Lata de Água” de Mia Couto. **Miscelânea**, Assis, v. 19, p. 221-234, ISSN 1984-2899, jan.-jun. 2016.

VIEIRA, Iara Frateschi. Pá e a chuva: sobre um conto de Mia Couto. **Estudos portugueses e africanos**, UNICAMP, nº 10, pg. 65-68, 12 de mar. 1987.

XAVIER, Lola Gerales. Crônica de Mia Couto: o entregênero. Em torno do hibridismo genológico. **Forma Breve**. Escola superior de educação de Coimbra, nº 8, pg. 139-151, 01 de jan. 2010

OLHARES DOCENTES

PLANO DE AULA

Estudo sobre a Poesia de Noémia de Sousa⁷

20

Izabel Maria de Vasconcelos Paiva

Graduada em Comunicação Social pela ESPM e graduanda de Licenciatura em Letras
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Público-alvo: Professores de Literatura do Ensino Médio, Estudantes de Letras, Professores de Escolas CIEJA, para jovens e adultos.

Duração: 11 horas subdivididas e, 5 aulas sendo 4 aulas de 2h15 e a última com duração de 3h00

Objetivo Geral: 1. Aprofundamento na Obra Poética de Noémia de Sousa

Objetivos Específicos:

1. Situar a poesia de Noémia de Sousa no período pós-colonial, dando uma visão panorâmica da construção de identidade nesta fase;

2. Universalizar a poesia de Noémia de Sousa, fazendo analogia com o Movimento de Negritude

e a busca da consciência de si mesmo pela literatura.

3. Conhecimento e análise de alguns poemas da autora assim como sua biografia.

Metodologia:

- 1ª aula (duração 2h15)

Aula Expositiva iniciando com a contextualização da história de Moçambique, fazendo um resumo sobre o período colonial e sua influência na ocultação sistemática da cultura e da língua dos colonizados. (duração 1h00)

Na segunda parte da aula, entendendo a opressão colonialista na África, os processos doloridos de independência e como a cultura dos colonizados foi solapada pela dominação do colonizador, assistir ao vídeo: Heróis da

⁷ Plano de aula produzido a partir de atividades do curso Introdução à Literatura de Noémia de Sousa, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2010.

independência africana - Nova África, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=4b7ha1kLIW4> (duração 0h27)

Objetivo: verificar a intersecção entre literatura e política a África.

- 2ª aula (duração 2h15)

Leitura do artigo Cinco décadas de poesia recuperada em Sangue Negro, de Noémia de Sousa

Encontrado no link: <http://www.pordentrodaafrica.com/artigos/cinco-decadas-de-poesia-recuperada-em-sangue-negro-de-Noémia-de-sousa>

Professor abre o debate sobre como a cultura africana foi colocada de lado pelos colonizadores e como a literatura influenciou na luta pelos direitos e busca da identidade dos povos africanos.

Abordar em debate a questão da mulher na sociedade africana, em especial a Moçambicana.

Finalizar a aula com o vídeo do Cantor Emicida declamando o Poema “Súplica”, de Noémia de Sousa, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-vVyHLqEU>

- 3ª aula (duração 2h15)

Iniciar a aula com a leitura do poema “Canção Fraternal”, seguido de Biografia de Noémia de Sousa, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=mgDe1K6ejAQ> até 5min e 28seg. Dando sequência à aula vamos pensar no movimento de Negritude, mundial, que uniu em uma mesma causa negros africanos, europeus e americanos.

Inicia-se por um período expositivo sobre o Movimento Mundial de Negritude, com o objetivo de relacioná-lo com aspectos da poesia de Noémia de Sousa. Aula expositiva sobre o movimento e como ele influenciou a poesia de Noémia de Sousa e outros contemporâneos.

Abordar a influência do jazz americano.

Finalizar aula com um jazz desse período.

- 4ª aula (duração 2h15)

Divisão em 04 grupos para leitura de poemas de Noémia de Sousa, do livro Sangue Negro. Cada grupo vai proceder a leitura conjunta, depois individual e analisar o discurso buscando detectar as características principais da poesia da autora. Cada grupo deve escolher 02 (dois) poemas para análise e posterior apresentação à turma.

- 5ª aula (duração 2h15)

Apresentação das conclusões de cada grupo de trabalho, em 10 minutos cada grupo, seguida de fechamento e comentários dos trabalhos conduzida em forma de diálogos com a turma inteira.

A apresentação deve conter a leitura de um dos poemas escolhidos e a explicação do que mais tocou na escrita de Noémia de Sousa, levando em conta tudo o que vimos sobre a autora.

O professor faz o fechamento do curso contando sua experiência como leitor ao ter contato com Noémia de Sousa.

Recursos didáticos

Data show, tela e computador para apresentação de vídeos, 04 exemplares do livro “Sangue Negro” de Noémia de Sousa.

Monitoramento e Avaliação

1. Acompanhamento da participação de cada aluno na dinâmica das aulas.
2. Desempenhos do grupo no trabalho proposto.
3. Autoavaliação acerca do conteúdo aprendido, após a apresentação das conclusões do grupo.

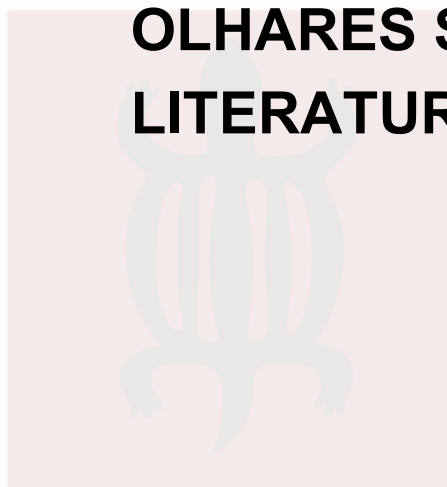
22

PARA SABER MAIS

ALÓS, A. P. *Uma voz fundadora na literatura moçambicana: a poética negra pós-colonial de Noémia de Sousa.* TODAS AS LETRAS R, v. 13, n. 2, 2011

FREITAS, S. R. F. de. *Noémia de Sousa: poesia combate em Moçambique.* In: III Seminário Nacional de Estudos Afro-Brasileiros, 2010, João Pessoa. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010. v. 1. p. 89-107

OLHARES SOBRE A LITERATURA NEGRA-BRASILEIRA



OLHARES DOCENTES

Escritas insubordinadas no contexto da lei 10.639: contribuições possíveis a partir da escrivência de Conceição Evaristo⁸

24

Karina Pereira dos Santos

Psicóloga, mestranda em Psicologia Social pela UFMG.



De *Becos da Memória*, romance de autoria da escritora Conceição Evaristo (2017), um dos destaques feitos por Ariel Souza e Luciana Coronel (2018) refere-se à indignação de Tio Totó, o qual vê a vida como uma “perdedeira” só. Perdeu esposa e filha, perdeu os pais e acha mesmo que nunca os teve de fato, uma vez que o trabalho forçado nas plantações tomava toda a vida durante a escravização. O relato de Tio Totó revela drama, humanidade, complexidade da vida, das relações, de sentimentos sob a ótica de alguém que já foi escravizado. Que livro didático de História nos dá essa possibilidade? Na História dita oficial, permanecemos tendo espaço apenas como escravizadas(os), como corpos feitos para o trabalho braçal, forçado e não remunerado. Somos retratadas(os) como trabalhadoras(es) mudas(os), silenciadas(os) mesmo quando a boca está aparentemente livre de instrumentos de tortura – como a máscara do silêncio aplicada à Anastácia, da qual nos fala Grada Kilomba (2019).

Funcionando como contradiscurso literário e histórico, as escrivências de Conceição Evaristo deslocam a literatura e a historiografia hegemônicas, constituindo-se

⁸ Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

como importante ferramenta de legitimação de vozes historicamente abafadas. Para além de uma autorização para a fala, a literatura evaristiana prioriza de forma bastante nítida as vozes de sujeitos como as mulheres negras, convocando-as ao centro da cena para que ocupem a posição de enunciadoras da própria história (SANTANA, 2014). No contexto da Lei 10.639, de 2003, a qual estabelece a obrigatoriedade de ensino de história e cultura afro-brasileira, as escritas de Conceição Evaristo consistem em rica ferramenta educativa contra hegemônica. Se a literatura, situa-se numa linha entre ficção e realidade, no caso da escritora em questão, temos narrativas ficcionais que trazem em seu bojo acontecimentos históricos reais (SILVA; CARDOSO, 2018). E nesse sentido, os textos da escritora mineira são potentes para o diálogo em aulas de literatura, história, sociologia, entre outras áreas de conhecimento.



O debate sobre os usos possíveis das escritas de Conceição Evaristo no campo educacional, remeteram-me ao trabalho de Luana Tolentino. Ela é uma jovem professora, mulher negra, mestra em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e que dá aulas de História em uma escola pública de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. No livro *Outra Educação é Possível*, Tolentino (2018) relata experiências de investimentos afetivos e político-pedagógicos naquele ambiente escolar com estudantes que, seguindo um fluxo de descrença geral no potencial da educação em meio à precariedade extrema, também descreditaram de sonhos e possibilidades de mudança. Numa das aulas, um estudante pergunta para que estudar

se já sabia que seria ajudante de pedreiro.

Num esforço para construir e demonstrar que outros caminhos podem ser possíveis, e atenta ao necessário afastamento do mito da meritocracia, Luana Tolentino (2018) reconstrói o método de suas aulas. Ela organiza partida de futebol em que estudantes secundaristas enfrentariam um time de estudantes africanos da UFMG; providencia uma troca de cartas entre alunas(os) da escola em Ribeirão das Neves e estudantes de uma escola africana; mobiliza parcerias para a produção de um vídeo sobre a escola (na semana anterior um canal de TV havia feito cenas na escola por ocasião de um homicídio ali ocorrido); escreve no quadro nomes como Carolina Maria de Jesus e Machado de Assis e pede às (aos) estudantes que pesquisem sobre sua vida e obra. Uma das alunas, admirada, conta que Carolina de Jesus era negra e escritora e mais tarde afirma também que quer ser escritora igual a ela. À época, mãe e pai dessa aluna estavam presos e ela vivia situação de precariedades diversas.



Nesse sentido, a questão que se coloca é: que efeitos pode ter a inserção da obra de Conceição Evaristo na educação em seus diferentes níveis? Como Carolina de Jesus, Conceição Evaristo destaca em seus textos traços da

identidade negra, da trajetória de vida numa favela, de ter sido alvo da violência estatal quando a favela foi desfeita por força da especulação imobiliária, de ter trabalhado como doméstica e de – desacreditada pelas patroas – ter tido que se mudar para o Rio de Janeiro para conseguir lecionar por meio de concurso público. Em Belo Horizonte, as patroas jamais a indicariam para professora, mesmo após concluir a formação necessária. Como destaca a própria Conceição Evaristo (2018), a escritora negra feminina não se presta a ninar o injusto sono da casa grande; quer, ao contrário, incomodá-lo. Assim, acredito que mulheres e homens negros de idades diversas e que vivenciam situações de descrenças variadas, podem ser tocadas e tocados para a insubordinação do pensamento e ter despertada a possibilidade de sonhar e fazer projetos a partir da história, memória, ancestralidade e resistências negras no cotidiano.

PARA SABER MAIS:

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Entrevista com Conceição Evaristo**. Fligê, 2018. 6min16seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5kNRSnUI84>. Acesso em 28/05/2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. (J. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SANTANA, Marluce. Desconstrução do patriarcado em Ponciá Vicêncio: à guisa de um sumário. In: **Anais Seminário Interlinhas**. 2º semestre de 2014.

SILVA, Elen; CARDOSO, Sebastião. Ponciá Vicêncio: rastros de memória e ficção. **Kwanissa**, São Luís, n. 2, p. 55-70, jul/dez, 2018.

SOUZA, Ariel O.; CORONEL, Luciana. Resistência através da Escrita do Testemunho em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. **I Seminário Corpus Possíveis do Brasil Profundo**. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2018.

TOLENTINO, Luana. **Outra Educação é Possível**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

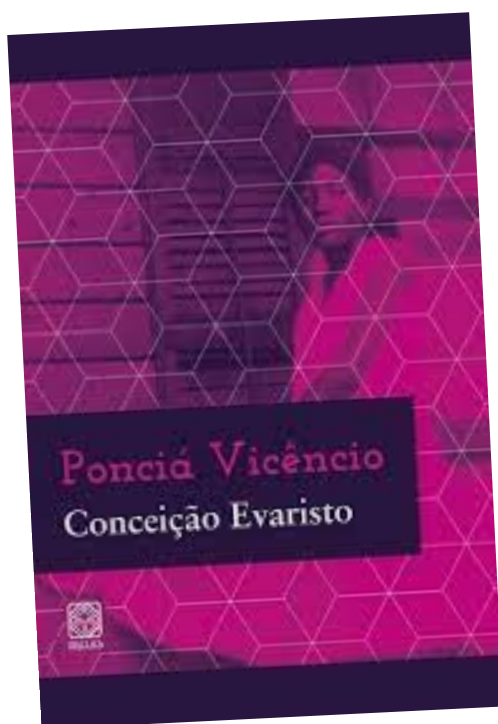
OLHARES DOCENTES

Insurgências das memórias⁹

Paola Ramos Ladeira

Mestre em Ciência da Literatura pelo PPGCL-UFRJ. Atualmente, mediadora de Redação do Pré-Vestibular Social do Cederj.

27



Há uma crônica de Rubem Alves que discorre sobre a utopia do aluno perfeito, que o mesmo nomeia ironicamente como Memorioso. A personagem seria um computador: teria memória eidética, porém nenhuma qualidade de reagir criativa e afetivamente diante dos fatos. A crítica feita por Alves tem como alvo uma memória irrefletida. A memória poética, por sua vez, pensada enquanto um trabalho e enquanto uma estrutura ficcional ecoa entre gerações e evoca a confluência dos tempos para aprofundar debates que se fazem ainda atuais.

No parecer do fazer poético, a memória ocupa um lugar de tradição, exceto quando seu uso excede as categorias hegemônicas e deixa de funcionar como manutenção das mesmas formas de poder. Para exemplificar essa insubordinação, lançaremos nossos

olhares sobre o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, por ver nesta obra uma pluralidade de insurgências da memória.

Inicialmente, a memória pode ser vista enquanto técnica de escrita e enquanto estilo. Nesse caso, seu uso contribui para a forma que estrutura o texto. No caso de *Ponciá Vicêncio*, desde o título a memória aparece como proposta de configuração em vai-e-vem, que se mantém ao longo dos parágrafos da narrativa, travando ritmo ao texto. Isso porque Ponciá diz sobre o nome que a família da protagonista a conferiu, enquanto Vicêncio diz sobre o sobrenome da família escravocrata que escravizou seus familiares, funcionando como uma memória colonial.

Depois, a memória-redenção aparece como instrumento de desenvolvimento da personagem, como podemos ver acontecer com a protagonista. A menção às

⁹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

crenças folclóricas e religiosas de seus ancestrais, a materialização em barro do avô Vicêncio e a circularidade com que os tempos emergem na narrativa compõem e acompanham a jovem Ponciá ao longo da história, transferindo uma memória gestual, ancestral e coletiva para ela.

Ao encontro disso, consideramos a memória um recurso de coesão sequencial ao propor uma progressão temática, tendo como tema os componentes da afro-brasilidade. Acontece que há na personagem Ponciá quando jovem um desejo de futuro que no desenvolvimento do enredo se frustra e depois se realiza no retorno ao passado e na busca ancestral, sugerindo que não há avanço possível sem resgate da memória, assim como na Literatura de matriz negra.

Do ponto de vista dos elementos da narrativa, a memória funciona como pilar da composição do enredo e do tempo psicológico, respaldados ambos na diacronia da diáspora africana. Essa memória diaspórica pode ser vista no reencontro de Ponciá com seus familiares e com a sua herança ancestral nos momentos finais da narrativa.

Por fim, interessa pensar, ainda, na abertura que a memória abre para a metalinguagem, considerando Ponciá enquanto metáfora da Literatura Afro-brasileira, evocando uma memória-identidade. Dentro da obra citada da Evaristo, destaco o momento em que Luandi, irmão de Ponciá, em visita a uma exposição de artes em barro, identifica itens confeccionados por sua mãe e irmã. Aquela passagem pode ser pensada enquanto uma referência metafórica à subalternização das Artes Afro-brasileiras, de modo geral.

Em suma, tentamos refletir brevemente sobre a complexidade dos tecidos da memória, a polivalência de seus usos e, acima de tudo, a sua centralidade na Literatura Afro-brasileira, com destaque para a autora Conceição Evaristo. Diferentemente do Memorioso, de Rubem Alves, Ponciá Vicêncio assim como outras personagens da Evaristo terão na memória o enaltecimento e fortalecimento dos laços e raízes da diáspora africana. Nesse sentido, podemos pensar na Ponciá como uma memoriosa, reconfigurando o termo, dando a ele plenitude.

PARA SABER MAIS

-ALVES, Rubem. “O aluno Perfeito”. *Folha de São Paulo*. SP, jan/2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2301200704.htm>>; Acesso em: 14/04/2020.

-EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

-MENDES, Ana Clara. “Eco e memória: ‘Vozes-mulheres’, de Conceição Evaristo”. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina/PR, p. 113-122, Vol. 17-A, dez/2009.

-OLIVEIRA, Luís Henrique. “‘Escrevivência’ em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo”. *Estudos Feministas*. Florianópolis, p. 621-623, 17(2):344, maio-ago/2009.

OLHARES DOCENTES

Poéticas das margens e escritas “das fomes” e vice-versa¹⁰

Soler Gonzalez
Docente da UFES

29

*Não vadeia Clementina
Fui feita pra vadiar
Não vadeia Clementina
Fui feita pra vadiar, eu vou
Vou vadiar, vou vadiar, vou vadiar, eu vou (2x)
Energia nuclear, o homem subiu a Lua, é o que se ouve falar, mas
a fome continua
É o progresso, tia Clementina
Trouxe tanta confusão, um litro de gasolina por cem gramas de
feijão.
Não vadeia Clementina...*

Início nossa conversa com a poética dos oprimidos, oprimidas e esfarrapados do mundo, com suas palavras “tortas” que exalam odores, incômodos e, principalmente, modos de resistências e territórios de re-existências. Poéticas essas com fome de falar e de ser ouvida, criando perturbações sociais, éticas e morais, denunciando injustiças, privilégios, vaidades e exclusões que atravessam a vida cotidiana, a política, educação, a literatura, a justiça e o comprometimento ético, político e social do fazer ciência.

No artigo *O poético nas margens: o discurso de Carolina Maria de Jesus*, os autores fazem a seguinte referência aos incômodos da literatura de Carolina:

A literatura de Carolina Maria de Jesus “fede” e todo fedor “cheira mal”, exala “cheiros fortes”, torna-se, muitas vezes, insuportável e repugnante, metáfora potente para pensarmos a escrita desse sujeito-autor que constrói, por meio da polissemia, novos sentidos fazendo intervir o diferente, e isso tende a incomodar (LEANDRO; PACÍFICO, 2019, p. 56).

Quem pode escrever? Que obras, autores e autoras devem ser lidos? Que autores, autoras e livros chegam às escolas? Quem pode ser considerado como



¹⁰ Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Carolina Maria de Jesus, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

“escritor” ou “escritora”? A geografia literária da obra de Carolina Maria de Jesus registra outras cartografias e territorialidades da vida cotidiana de uma mulher negra que vivencia as relações de poderes que vicejavam nas entranhas da política literária canônica, elitista e racista da época e que ainda se mantém, com outros nuances, nos dias atuais.

Na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e *Diário de Bitita* podemos constatar a força poética e catalizadora de sua literatura de denúncia e de resistência frente “às fomes”, ao descaso das políticas públicas – e com os políticos da época –, a insalubridade e a vida cotidiana de uma mulher negra, mãe de três filhos, catadora de papel e que vive na favela do Canindé, em São Paulo.

As Poéticas do diário de uma favelada e as escritas “das fomes” de Carolina tem como companhia o flagelo “das fomes” da autora-sujeita, em todos os sentidos, tanto fisiológica, como também a fome provocada pelo excesso de injustiça social e política. Há fome no sonhar da escritora ao questionar o por quê da violação do direito de uma vida digna para os favelados. Na sua literatura há fome insaciável de construir um país melhor, com habitação, saneamento, alimentação, educação, trabalho e segurança para os que sobrevivem nos quartos de despejos das grandes cidades.

Que bom seria se nas escolhas literárias e bibliográfica das nossas instituições de ensino e de formação de professores e professoras, pudéssemos conhecer e conversar sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, seus escritos e poesias marginais, marcadas por um projeto literário revolucionário, com uma beleza e intensidade ética e de uma consciência política e social que à impelia a escrever e a denunciar as injustiças de uma sociedade com histórico colonial e racista.

Desse modo, “as fomes” das poéticas e as poéticas das fomes da geografia literária de Carolina, nos cotidianos escolares e universitários, se fazem necessárias nos dias atuais, diante de uma pandemia cujos efeitos somados ao racismo estrutural de nossa sociedade, são intensificados na população negra.

A revolução da geografia literária de Carolina Maria de Jesus com suas indignações sociais, éticas, políticas e econômicas, a fome tanto como personagem em sua obra, como também uma triste realidade compartilhada com os favelados, o saneamento básico, a “vida preta” desde a infância, os afetos e resistências cotidianas, são, no meu ponto de vista, fundamentais em nossa formação humana e na formação de educadores e educadores comprometidos com uma educação que seja anticolonial, antirracista e como prática da liberdade.

PARA SABER MAIS

BELTRÃO, Larissa Cardoso; GARCIA, Rebeca Mendes. O cânone e a literatura marginal de Carolina Maria de Jesus: uma análise de quarto de despejo. **Revista Humanidades e Inovação**. v.6, n.4 v.2, p.84-92. 2019.

LEANDRO, Michel Luís da Cruz Ramos Leandro; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. O poético nas margens: o discurso de Carolina Maria de Jesus. **Revista Athena**. p. 36-60. Vol. 16, nº 1, (2019).

NUNES, Clara. P.C.J. **Partido Clementina de Jesus**. Clara Nunes, 1977. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=bO_7pj92hww > Acesso em 25 Jun. 2020.

PEREIRA, Deise Quintiliano. Diário de Bitita: a autobiografia ensaística de Carolina Maria de Jesus. **estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 58, p. 1-10. e5811, 2019.

Programa Nação | TVE - Carolina de Jesus Parte 1. 18/09/2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>>. Acesso em: 18 de junho de 2020.